



Fort Worth

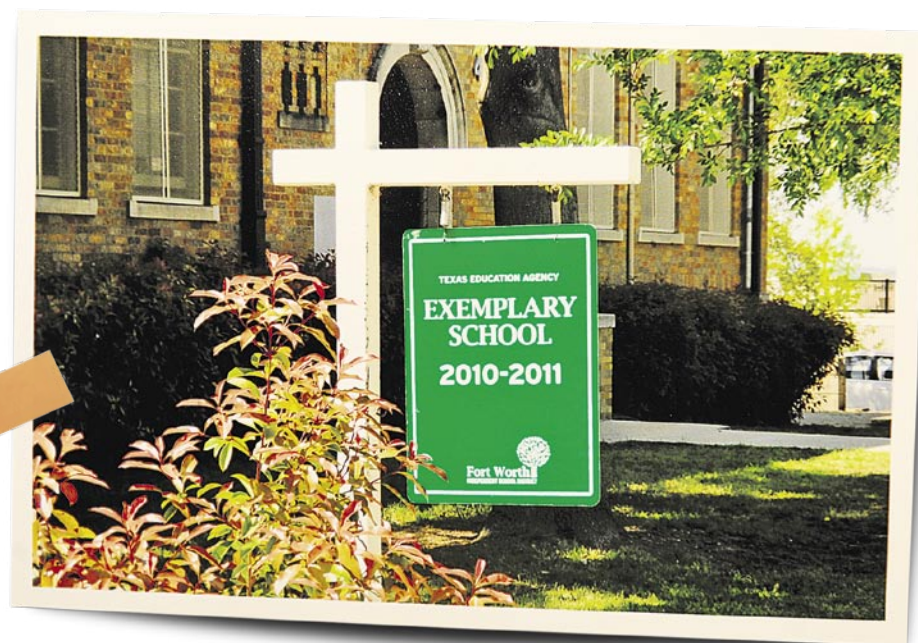
População:

534.694

dados de 2000 do
United States Census Bureau



Regras de conduta
estão expostas nos
corredores da escola.
Neste quadro, a luta
contra o bullying



O poder de se importar



Espero que meus alunos
aprendam valores, que
façam a diferença na vida
deles. Mas não vou sa-
ber sobre esse resultado
até eles tocarem o pé na
estrada



Irma Mercado
Third Grade Teacher
Charles Nash Elem.
Fort Worth, TX

ão há programa de governo, verba definida por congressistas, lobby ou iniciativa de projeto não governamental que substitua os resultados conquistados por uma ação direta de alguém para alguém. Quando a sociedade assume seu papel de protagonista na construção de um futuro digno e justo para todos, os resultados são evidentes e diários. A professora da escola Charles E. Nash Elementary, em Fort Worth, Estados Unidos, decidiu agir. Ela pediu ajuda a um policial, que também decidiu agir. Juntos, com uma pequena ação, mudaram o curso da vida de uma criança. Em um efeito dominó, alteraram o futuro de todo o contexto que o envolverá quando ele crescer, provavelmente. Transformaram seu jeito de ver os fatos, de tomar decisões. Entre revoltado e violento, Paul escolhia os dois. Mágoas e dores não são tons que podem ser classificados como fortes ou fracos. Apenas o são. E era essa a batida da vida de Paul até ele se deparar com a professora Irma Mercado e o policial.

– Paul não queria aprender. Convidei um policial para ser o “mentor” de Paul. Ele veio à escola e começou a passar uma hora, uma vez por semana, para ficar com Paul. Ele fez isso durante um ano. Quer saber o resultado? Paul melhorou muito suas notas, simplesmente porque tinha alguém que se importava com seu boletim, algo que ele não tinha em casa. Paul queria mostrar suas notas para o policial. Não por obrigação, mas porque ele via que alguém sentia orgulho dele. O policial gostou do resultado que viu e continuou vindo por mais um ano. Veja só: porque o policial deu a Paul seu tempo, fez a diferença para a criança. Não custou dinheiro, só o tempo dele. Se isso acontecesse no mundo, você imagina os resultados que

teríamos? – admira-se Irma.

– Tenho mais um aluno. Ele veio de outra escola, chama-se James. Ele já mudou de cidade quatro vezes nesse ano (2011) e isso gerou falhas no seu aprendizado. Para completar, ele tinha um ar de “eu sou mau”. Demorei seis semanas para entender isso. Acabei descobrindo que, cursando a terceira série, ele não conseguia ler. Por isso, ele criou esse escudo, de maldade. Depois de entender, comecei a incentivá-lo. Eu dizia “Viu, James, você é esperto, você consegue fazer isso”. Um dia ele me trouxe uma barra de chocolate e disse que era para mim. Chamou-me educadamente de “Senhora Mercado”. Eu agradei. E isso significou muito (voz embargada), porque ele era metido a machão, não demonstrava seus sentimentos – emociona-se.

É claro que a rígida metodologia norte-americana colabora para o crescimento dos alunos. A sistematização de processos ajuda muito. Se as crianças apresentam problemas comportamentais ou se as notas ficam baixas, os pais são chamados para acompanhar a situação de perto. É uma maneira de posicionar a família próxima à escola – e ao universo dos filhos. Há relatórios, com comentários dos professores, que vão para os pais a cada seis semanas, situando-os sobre o progresso das crianças. É como se fosse uma fotografia do aluno.

– Dá aos pais uma ideia de como os filhos estão indo – entende Irma.

A lousa digital que faz as vezes de quadro negro na escola norte-americana é o que pode se chamar de mais moderno nesta sala em que nitidamente orbita o respeito. O único lugar visitado pela reportagem em que as crianças falavam em níveis que não explodiriam um decibêlmetro foi Fort Worth. Mesas reunidas para